



INCIDÊNCIAS ONTOLÓGICAS NOS TEMAS *IDENTIDADE E RELAÇÃO EM PAUL RICOEUR* *

Ontological incidences in the themes of Identity and Relation in Paul Ricoeur

Mário Correia **

Resumo: este artigo trata dos temas *identidade e relação* em Paul Ricoeur, buscando mostrar suas incidências ontológicas. Para isso, vamos apresentar as leituras que Ricoeur faz de Platão e Aristóteles e como, a partir deles, podemos dizer que *identidade e relação*, em nosso autor, são *metacategorias*, isto é, expressões que nos remetem a um pensamento sobre o ser, enquanto história do ser (metafísica) ou pensamento sobre um ser em específico (ontologia). É sabido que a valiosa teoria da identidade desenvolvida por Ricoeur é marcadamente fenomenológica, linguística e hermenêutica. Com essa exposição, queremos mostrar que essa mesma teoria possui incidências ontológicas, isto é, apontam características de profundidade e/ou altitude favorável à elaboração de um discurso ontológico.

Palavras-chave: Metafísica. Identidade. Relação. Ontologia.

Abstract: This article deals with the themes of identity and relation in Paul Ricoeur, seeking to show their ontological incidences. To do so, we will present Ricoeur's readings of Plato and Aristotle and how, based on them, we can say that identity and relation, in our author, are metacategories, that is, expressions that lead us to a thought about being, while history of being (metaphysics) or thought about a specific being (ontology). It is well known that the valuable theory of identity developed by Ricoeur is markedly phenomenological, linguistic and hermeneutic. With this exposition, we want to show that this same theory has ontological incidences, that is, they point to characteristics of depth and/or altitude that favor the elaboration of an ontological discourse.

Keywords: Metaphysics. Identity. Relation. Ontology.

* Artigo recebido em 07.04.2024 e aprovado para publicação em 25.10.2024.

** Doutor em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB). Docente no Centro Universitário Arnaldo Horário Ferreira (UNIFAAHF). E-mail: mariocsj@hotmail.com.

Introdução

Os temas identidade e relação são clássicos na filosofia. Em Paul Ricoeur, é muito comum encontrar estudos dedicados ao tema da *identidade*, que é um dos temas centrais de sua obra. Mas poucos, ou quase ninguém, atentaram para pôr em evidência o tema da *relação*.¹ É verdade que ele está implícito em tantos trabalhos, especialmente naqueles sobre a identidade e a alteridade. No entanto, um dos nossos propósitos é mostrar que subjaz às noções de identidade e alteridade o tema da relação como categoria ontológica. Uma referência para essa proposta encontramos no Colóquio feito por Ricoeur no Collège de France, no ano de 1985, intitulado *Ipséité / Altérité / Socialité*. Segundo ele, nenhum desses temas é investido de uma ambição fundamental última e, ao nosso ver, caso houvesse um fundamento último entre eles, diríamos que seria o tema da relação, pois os três são fatos primitivos que melhor se revelam como fenômenos de relação, ou melhor, ao modo de relações.² Nesse sentido, os temas da identidade, alteridade e socialidade estão em igual nível de abordagem e pouco explorados nessa condição. Aliás, o termo socialidade raramente aparece nos estudos ricoeurianos, embora se faça presente por meio de diversos temas.³ Mas, não vamos fazer justiça a ele neste momento, pois queremos dar destaque aos temas *identidade* e *relação*. O modo como faremos isso será delimitado, pois não recomporemos toda a elaboração ricoeuriana sobre os temas: simplesmente vamos apontar para incidências ontológicas que eles carregam consigo.

O nosso objetivo é mostrar que os temas *identidade* e *relação*, em Paul Ricoeur, podem ser tomados como *metacategorias*, visto que ambos podem ainda ser estudados por outros vieses, neste autor. Entendemos por *metacategorias* expressões que nos remetem a um pensamento sobre o ser, enquanto história do ser (metafísica) ou pensamento sobre um ser em específico (ontologia). Como nos diz Ricoeur, foram os gregos que “inventaram a questão do ser” e está neles “o núcleo de todos os problemas e a origem de todas as aporias”, a ponto de encontrarmos neles “as decisões que comandam o destino da metafísica” ou a história do ser.⁴ Por isso,

¹ Destacamos aqui o artigo “*Quelle sorte d’être est le soi? Les implications ontologiques d’une herméneutique du soi*”, de Marc-Antoine Vallée, que desenvolve a ideia de uma ontologia da relação subjacente à hermenêutica do si. Texto disponível em: *Études Ricoeurianes / Ricoeur Studies*, Vol 1, n. 1, 2010, p. 34-44. Vallée nomeou o ser do si com a categoria de relação. Nós, em concordância com ele, afirmamos: ser-si-relacional.

² Cf. RICOEUR, Paul. *Ipséité / Altérité / Socialité*. Colóquio no Collège de France, em 1985, p. 19.

³ Exemplos de temas que diz respeito a socialidade: comunidade, linguagem, ação e seus correlatos: ética, moral, justiça e política. Esses temas aparecem no texto: *Ipséité / Altérité / Socialité*. Desenvolvemos esse assunto no terceiro capítulo do livro: *Identidade e Relação: incidências ontológicas da filosofia do si em Paul Ricoeur*. São Paulo: Dialética, 2024.

⁴ RICOEUR, Paul. Ontologie. In: *Encyclopédie Universalis* Disponível em: <https://www.universalis.fr/encyclopedie/ontologie/> Não vamos neste momento reconstruir o quadro da discussão que Ricoeur apresenta no artigo. Por isso, reportamos o leitor interessado a: GUERRA, Lucía Herrerías. *Espero estar em la verdad. La búsqueda ontológica de Paul Ricoeur*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1996.

pensar a ontologia (ou metafísica), mesmo em tempos (pós)modernos, é reconectar com a história do ser, embora desejando ficar com a teoria do ser (ontologia). Este desejo exige buscar um sentido para além das vias truncadas da história do ser, encontrar possibilidades de reinterpretação e reapropriação, desobstruindo caminhos e fazendo com que a reflexão ontológica continue sendo possível. Podemos dizer que essas tarefas foram assumidas por Ricoeur, especialmente a partir do que vamos mostrar a seguir, acerca dos temas identidade e relação.

1. Releitura e apropriação de Platão e Aristóteles

O modo como Paul Ricoeur apresenta os temas identidade e relação se torna diferenciado por situar-se no cenário moderno e perfazer um percurso que lhe é familiar, fazendo uso da filosofia da fenomenologia, da linguagem e da hermenêutica. Entretanto, podemos vincular essa sua abordagem ao pensamento clássico, platônico e aristotélico, e até a filosofias modernas, nomeadamente a leibniziana e a spinoziana.⁵ Neste artigo, vamos retomar especialmente a leitura de Platão e Aristóteles feita por Ricoeur que influenciou nessa sua abordagem sobre a identidade e a relação. Essa influência platônica e aristotélica é uma forma de dizer que ainda hoje – como diz o próprio Ricoeur – uma ontologia é possível “na medida em que as filosofias do passado continuam abertas às reinterpretações e reapropriações”.⁶ A leitura dos clássicos permite desobstruir passagens e explorar potenciais de sentido não percebidos ou camuflados pelo processo de sistematização. Foi isso que fez Ricoeur ao ler Platão, Aristóteles, entre outros.

Antes, porém, é importante asseverar que o tema da identidade e da relação, tal como é trabalhado por Paul Ricoeur, tem a ver com o problema da *personnalité* (do sujeito), que é um problema estranho aos gregos. No entanto, a tradição filosófica encontrou esse problema de ordem existencial e o projetou tanto na obra platônica, quanto nos escritos aristotélicos. Uma projeção cabível, pois se encontrou nessas obras assuntos que dizem respeito ao tema da identidade e relação, tais como são tratados pelos que os trabalharam. No caso de Platão, entre outras possibilidades, se associa a

⁵ Leibniz é poucas vezes mencionado na obra de Ricoeur, mas não deixa de se fazer presente, especialmente por conta da noção de *appetitus* (apetição) que, junto com a percepção, são determinações co-originárias da mônada. Já Spinoza, é inegável sua presença, especialmente por conta da noção de *conatus* (esforço), inclusive tomada para interligar a fenomenologia da ação à potência de agir, numa diferenciação heideggeriana. Diz Ricoeur: “Quase não escrevi sobre Espinosa, embora ele não tenha deixado de acompanhar minha meditação e minha docência”. (*Soi-même comme un autre*. Paris: Éditions du Seuil, 1990, p. 365. Trad. O Si-Mesmo como Outro. São Paulo: Martins Fontes, 2019, p. 372).

⁶ RICOEUR, *Soi-même comme un autre*. p. 346 (*O Si-Mesmo como Outro*, p. 351).

teoria dos “grandes gêneros” e no caso de Aristóteles, prescindindo do par *ato* e *potência*, temos o problema da individuação e o clássico princípio de identidade. Na leitura que Ricoeur faz desses autores, podemos perceber seu movimento de reinterpretar e reapropriar certos elementos não percebidos por outros. Atende aos nossos propósitos do momento ver alguns desses elementos que aparecem em algumas obras, especialmente o texto do Curso ministrado em Estrasburgo, em 1953-1954,⁷ e em *Soi-même comme un autre*.

O pensamento ricoeuriano é afeiçoado à linguagem e suas significações. Os usos da linguagem costumam fazer aparecer uma multiplicidade de sentidos que, em se tratando de um discurso ontológico, corresponde a uma concepção polissêmica do ser. Esta concepção encontra respaldo em Platão e Aristóteles, para os quais o ser é polissêmico. Muito embora não seja isso que se diz em todo lugar, pois Ricoeur sabe que há uma tendência em colocar Platão ao lado de uma filosofia da “essência” e Aristóteles ao lado de uma filosofia da “substância”.⁸ Ricoeur se propõe a ultrapassar essa visão, voltando-se ao próprio Platão e ao próprio Aristóteles para questionar essa posição opositora e fechada, demonstrando outras possibilidades de reinterpretação e reapropriação desses autores, desobstruindo caminhos e fazendo com que a reflexão ontológica continue sendo viável.⁹ Mas, isso só é possível porque se encontra nos diálogos platônicos uma ontologia de segundo grau e no pensamento aristotélico uma ciência do ser que não se reduz a uma única categoria.

A ontologia de segundo grau tem a ver com as ideias de ser e não ser e dos “grandes gêneros” em Platão. Ricoeur chama de ontologia de segundo grau porque seus elementos podem ser dados a significações distintas, de modo que assim possam ser pensados e repensados.¹⁰ As diversas aporias do diálogo *Parmênides*, por exemplo, permitem pensar a relação das ideias às coisas e das ideias entre si, numa espécie de jogo onde ser, uno e outro são provocados a um horizonte aberto. Coisa igual se diz do múltiplo, da semelhança, da dessemelhança, do movimento, do repouso, da gênese e, inclusive, do ser e do não ser.¹¹ No diálogo *Sofista* também encontramos algo parecido a um jogo, onde os “grandes gêneros” (ser, movimento, repouso, mesmo e outro) se definem pela polarização, onde um aparece como contrário do outro, em espécie de ser e não ser. Destes cinco gran-

⁷ Publicado como: RICOEUR, Paul. *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

⁸ Cf. RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*. A respeito da presença de Aristóteles na obra de Ricoeur, ver: CAMBIANO, Giuseppe. Ricoeur et Aristote, point de départ et terme de comparaison, in *Revue des sciences philosophiques et théologiques* Tome 99, 2015, p. 457-566.

⁹ Cf. RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, p. 346.

¹⁰ Cf. RICOEUR, Paul. *Da metafísica à moral*. Trad. Sílvia Menezes. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, p. 13.

¹¹ Cf. PLATÃO. *Parmênides*. In: *Diálogos*. Vol. III. Trad. Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, 1974; cf. RICOEUR, *Ontologie*.

des gêneros, Ricoeur destaca os dois últimos, *mesmo* e *outro*, passando a se referir mais a eles quando utiliza a expressão “grandes gêneros”.¹² Assim, caminhando nessa direção se percebe que Platão é muito mais que o platonismo das formas, pois sua ontologia é plural.

Em relação a Aristóteles, não é difícil discorrer sobre a polissemia do ser, mas é necessário fazer isso para superar quem define seu pensamento estritamente como filosofia da substância. Para isso, Ricoeur costuma remontar a duas passagens da *Metafísica*, uma que fala da procura por uma ciência elevada e outra que apresenta definições do ser. Na primeira, diz Aristóteles: “existe uma ciência que faz a teoria do ente enquanto ente, daquilo que lhe pertence em si mesmo. Ora, ela não é idêntica a nenhuma das ciências ditas parciais”.¹³ A segunda passagem é clássica: “o ser propriamente dito toma-se em várias acepções”, por acidente, como verdadeiro e falso e por meio das categorias. Continua Aristóteles: “há, por fim, fora todas essas espécies de ser, o ser em ato e em potência”.¹⁴ Sobre a primeira passagem, Ricoeur observa o desejo de busca por princípios mais elevados e, para ele, uma ciência que lhes seja correspondente. Nesse nível elevado e na ciência procurada é que se mostra a polissemia do ser, como está sintetizado na segunda passagem. É especialmente a partir dessa segunda passagem que Ricoeur retoma a polissemia do ser e se propõe a reinterpretar e a reapropriar a metafísica. De modo particular, a aposta de Ricoeur privilegia o par *ato e potência (enérgeia-dynamis)*, para assim se diferenciar dos que preferem a substância ou o ser como verdadeiro e falso. Esta diferenciação, longe de desmerecer a metafísica aristotélica em seu todo, propõe explorar um modo de ser que parece ter ficado em segundo plano: o ser como ato, que é adequado à *ipseidade*. De fato, se centrarmos o par *ato-potência* no agir humano, chegaremos ao *si* agente, cuja identidade é a *ipseidade-mesmidade*, em articulação com a *alteridade* e a *socialidade*. Esses temas já receberam diversas abordagens por parte dos estudiosos ricoeurianos,¹⁵ cabendo-nos apenas acenar para algumas de suas incidências ontológicas.

¹² Cf. RICOEUR, *Da metafísica à moral*, p. 14-15; RICOEUR, Paul. Múltipla estranheza. In: *Escritos e Conferências, 3: antropologia filosófica*. São Paulo: Loyola, 2016, p. 294; PLATÃO. *Sofista*. In: *Diálogos. Vol. X*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, 1980.

¹³ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 2001, 1003 a; cf. RICOEUR, *Da metafísica à moral*, p. 16.

¹⁴ ARISTÓTELES. *Metafísica*, 1026 a 33-b2; cf. RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, p. 348 – nota de rodapé; *Da metafísica à moral*, p. 17; *Múltipla estranheza*, p. 295.

¹⁵ Para citar alguns: FERNANDES, Sara M. M. Roma. Identidade narrativa e identidade pessoal. Uma abordagem filosófica de Paul Ricoeur, in *Philosophica*, 33, Lisboa, 2008; GRONDI, Jean. *Paul Ricoeur*. Trad. Sybil Safdie Douek. São Paulo: Ed. Loyola, 2015; MICHEL, Johann. *Paul Ricoeur; une philosophie de l'agir humain*. Paris: CERF, 2006; REICHERT DO NASCIMENTO, Cláudio. A identidade pessoal importa? Uma leitura de Paul Ricoeur e Derek Parfit in *Revista de Pesquisa em Filosofia FUNDAMENTO*, n. 18, jan-jun 2019. Incluímos nessa lista nosso estudo: CORREIA, Mário. *Sujeito e Tempo em Paul Ricoeur. Fenomenologia, Poética e Hermenêutica a subjetividade*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020, bem como o artigo: Repensar a subjetividade com Paul Ricoeur, in *ILUMINARE – Revista de Filosofia e Teologia / Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IF-TEG)*. v. 4, n.1 (jan/jun), 2021.

A propósito, quem conhece a obra de Ricoeur sabe que ele tem um certo apreço ao realismo.¹⁶ Na tradição clássica, essa tendência é característica de Aristóteles, que se interessa pelo “que determina a realidade, o que lhe dá estatuto estável e identificável”.¹⁷ Além disso, também em Aristóteles encontramos o problema da individuação, isto é, aquilo que distingue um indivíduo do outro. Para Ricoeur, embora esse problema não seja separado da obra aristotélica, não temos sua sistematização e mais parece ser um problema estranho, projetado e desenvolvido pelos sucessores do aristotelismo. Mas, existem razões para isso. Primeiramente, o problema não é separado da obra de Aristóteles, porque ele fala do indivíduo no sétimo livro da *Metafísica*, mas para dizer que não há uma ciência para ele, pois “o indivíduo é o singular e a ciência é o universal”.¹⁸ Esta afirmação quer dizer que a ciência versa sobre as espécies últimas e o necessário, ao passo que o indivíduo pertence à esfera da opinião e do contingente. E, se perguntarmos sobre a natureza do indivíduo e seu estatuto ontológico, segundo Ricoeur, passamos a um problema projetado pelos sucessores sobre a filosofia aristotélica.¹⁹ Esta projeção normalmente está associada ao terceiro livro da *Metafísica*, onde Aristóteles trata da forma não como um universal transcendente, e sim como uma quiddidade imanente. Neste caso, a individualidade está ligada à quiddidade, pois esta é una e confere unidade.²⁰ Já no tocante à matéria, a individualidade não é mais ligada à quiddidade, mas ao indefinido, à potência e à desordem.²¹ Daí que, se a forma confere uma certa individualidade, a matéria projeta para uma singularidade, diferenças que não foram esclarecidas por Aristóteles. O motivo para isso, justifica Ricoeur, está no fato de Aristóteles não ter se interessado pela individuação enquanto tal, resultando o seguinte: “o real é definido e determinado; a singularidade é indeterminada; nesse sentido, a singularidade tem algo de irreal”.²² Com isso, conclui Ricoeur: “Aristóteles é lançado para o campo de uma filosofia da *quiddidade* e não do *indivíduo*”.²³

Essa leitura que Ricoeur faz de Aristóteles mostra que no pensador grego encontram-se indícios de um problema que aparece depois, frente à questão da pessoalidade. Entretanto, o ponto mais importante da leitura que Ricoeur faz de Aristóteles diz respeito ao par *ato* e *potência*. Essa leitura

¹⁶ O apreço pelo realismo data de sua mocidade, por influência de seu professor Ronald Dalbiez. Outro fator que mostra a inclinação de Ricoeur pelo realismo foi sua aproximação da fenomenologia husserliana (cf. RICOEUR, Autobiografia intelectual, in *Da Metafísica à Moral*, p. 48-54.

¹⁷ Cf. RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, p. 235.

¹⁸ ARISTÓTELES, *Metafísica*, 1039 b, 20. Cf. RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, p. 237.

¹⁹ Cf. RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, p. 239.

²⁰ Cf. RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, p. 241. Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, 999 a 25.

²¹ Cf. RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, p. 244.

²² RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, p. 247.

²³ RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, p. 247.

é assimilada na teoria da ação e tem influência nos temas identidade e relação, como veremos. Com efeito, no Estudo X de *Soi-même comme un autre*, ao perguntar sobre “que tipo de ser é o *si*”, Paul Ricoeur lança mão da concepção polissêmica do ser, interpreta e reapropria aspectos da metafísica aristotélica, especialmente o par *dynamis* e *enérgeia* (potência e ato).²⁴ Atentemos aqui para a dificuldade para com estes termos (*dynamis-enérgeia*). É comum que se traduza *enérgeia* por ato, considerando que vem de *érgon* (obra, que implica agir). Mas, se o identificamos com *enteléquia* que designa *telos*, é preciso entender *enérgeia* associado ao ser que atinge sua plenitude. O termo *dynamis*, pode ser potência em relação ao movimento (*kinesis*) e potência relativa ao ato (*enérgeia*). Não obstante a estas significações, a leitura de Ricoeur mais se atém a *enérgeia* associado a *telos*, que indica o fim, perfeição, plenitude atingida pelo ato. E *enérgeia* associado a *érgon* que, relacionado a *poiésis*, traduzimos por *obra*, equivale à produção, movimento, capacidade de produzir um efeito determinado (ação).

Temos a impressão de que Ricoeur faz questão de mostrar a amplitude semântica de *dynamis* e *enérgeia*, em contraste com a pequena polissemia de *ousia*. Este contraste não visa somente se opor à tradição da substância, mas também mostrar que essas noções podem se entrecruzar. Outra nota importante é a ressalva feita por Ricoeur à reconstrução heideggeriana, em *Ser e Tempo*, sob o signo do *cuidado* (*Sorge*).²⁵ Ao situar essa noção no contexto mais amplo da analítica do *Dasein*, Ricoeur percebe seu lugar eminente, não capturado por nenhuma interpretação psicologizante ou sociologizante, em razão de seu estatuto ontológico e conseqüente vinculação à *práxis* aristotélica. No entanto, pondera Ricoeur, “a *Sorge* heideggeriana confere à *práxis* aristotélica um peso ontológico que não parece ter constituído o principal propósito de Aristóteles em suas *Éticas*”.²⁶ Esse peso pode ser descrito em termos de ontologização da *práxis*, numa certa linha de unificação, dando a ela uma função que não tem. Quando, no entender de Ricoeur, o máximo que se pode admitir nesse terreno, seria uma unidade analógica do agir.²⁷ Por conseguinte, a *facticidade* heideggeriana não parece ser a melhor chave interpretativa de *enérgeia* e *enteléquia* de Aristóteles. Pois ela tem a ver com a presença do ser-no-mundo, dificultando sua saída do elo de presença e do sempre aí. Dificuldade que diminui a grandeza da *enérgeia* e da *dynamis*, na qual o agir e o padecer estão enraizados. Com isso, a equiparação entre *enérgeia* e *facticidade* esconde a tensão entre potência e afetividade, impossibilitando a interpretação do agir humano, num só lance, em termos de ato e potência.

²⁴ Cf. RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, p. 352. Cf. ARISTÓTELES. *Física I e II*. Trad. Lucas Angioni. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2009; 193b-8; *Metafísica*, 1026 b; Δ, 12; Θ 1.

²⁵ Cf. RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, p. 358. Cf. HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 15ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

²⁶ RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, p. 361 (Trad. *O Si-Mesmo como Outro*, p. 367).

²⁷ Cf. RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, p. 362.

Para Ricoeur, a interligação entre o agente e o padecente com a ontologia aristotélica, não se faz com a *facticidade* heideggeriana e sim com o *conatus* spinoziano.²⁸ O *conatus* traz a ideia de “esforço para perseverar no ser”,²⁹ remete à potência, não no sentido de potencialidade, mas de produtividade, de efetividade, de posição afirmativa de um ser. Nas palavras de Spinoza, *conatus* é “o esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser não é nada fora da essência atual dessa coisa”.³⁰ A noção de *conatus*, tal como nos apresenta Spinoza, unifica e individualiza, define um modo de ser. É como um impulso de vida efetivo e poderoso, que se exprime, por exemplo, no desejo de existir.³¹ Esforço de ser e desejo de existir tornam-se, assim, maneira de se referir a um *fundo de ser* originário, fundante e de concreção, que precede a qualquer outra ideia. Com isso, pode-se dizer que o agir é proporcional à sua potência, de sorte que – numa vinculação às noções aristotélicas – não é necessário opor *ato* e *potência*, pois as duas realidades são modos de existir.

Feita a ponte com o *conatus* spinoziano, torna-se determinante deixar de pensar a circularidade entre *potência* e *ato* associada ao movimento e à noção de *práxis* – noções opostas – para pensar essas *metacategorias* ligadas ao *agir humano*, aí confluídas. Isso implica em situar a ação não somente no âmbito da *práxis* (fazer bem), mas também na esfera da *poiésis* (arte). Daí o ganho de poder usar “ato” como sinônimo de agir e ação, e potência para designar a capacidade de agir de um agente em vista de sua *adscrição* e imputação, levando em conta ainda sua vulnerabilidade. Fazendo assim, provoca-se um *descentramento* que permite *potência* e *ato* acenarem para “um fundo de ser, ao mesmo tempo potente e efetivo, sobre o qual se destaca o *agir humano*”.³² Esse descentramento rompe com restrições, irriga outros campos do pensar e favorece a fecundidade da reflexão. De fato, centrando o par ato-potência no agir humano, torna-se possível descentrá-lo para um fundo, a partir do qual “o *si* pode ser considerado agente”.³³ Enquanto agente, temos um *si* identificado, reconhecido e atestado pela ação, não pela substância.³⁴ Um *si* que é princípio do agir, cuja identidade é *idem* e *ipse*, não duas constelações de significados, mas

²⁸ Cf. RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, p. 365.

²⁹ RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, p. 366; p. 372. Cf. SPINOZA, B. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

³⁰ SPINOZA, *Ética*, p. 261; cf. RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, p. 365.

³¹ No ensaio *A hermenêutica da condição humana de Paul Ricoeur*, Miguel Baptista Pereira bem articula a noção de *conatus* com o *eros* de Platão e de Freud, incluindo ainda o *appetitus* de Leibniz. O autor faz uma exposição maior do que aqui fizemos, dada a sua atenção englobante da obra de Ricoeur em pauta no texto (In: *Revista Filosófica de Coimbra*, nº 24, 2003, p. 235-277).

³² RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, p. 357 (Trad. *O Si-Mesmo como Outro*, p. 363. Grifos do autor).

³³ RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, p. 357 (Trad. *O Si-Mesmo como Outro*, p. 363).

³⁴ Cf. RICOEUR, Paul. L'attestation: entre phénoménologie et ontologie. In: GREISCH, Jean; KEARNEY, Richard. *Paul Ricoeur: Les métamorphoses de la raison herméneutique: actes du colloque de Cerisy-la-Salle*, 1-11 août 1988. Paris: Cerf, 1991, p. 398.

“dois modos de ser”.³⁵ Deste modo, como a *ipseidade* não é possível sem a alteridade, temos, então, a grande razão pela qual Ricoeur reivindica um discurso de segunda ordem (uma ontologia de segundo grau), para assim conseguir abarcar o caráter alético do ser como ato, bem como dialético *idem* e *ipse*, *ipseidade* e alteridade / socialidade. Para isso, também Ricoeur reinterpreta e reapropria de Platão como veremos a seguir.

No caso de Platão, nos referimos à leitura que Ricoeur faz dos diálogos *Parmênides* e *Sofista*. O *Parmênides* é um diálogo aporético em torno do problema do ser que toca o tema da participação dos sensíveis nas ideias.³⁶ A participação é, *grosso modo*, relação, mas a questão é saber se é relação de semelhança ou dessemelhança no âmbito do famoso modelo e cópia. A busca por solução se dá com o emprego aporético da dialética, tornando o diálogo enigmático e de difícil interpretação. Uma possível saída é conceber a decomposição do Ser e do Uno, onde o Uno é um exemplo entre outros, tendo em causa a atribuição do Ser ao Uno.³⁷ Essa saída tende a reafirmar a noção de participação, mas desemboca na ruínosa alternativa: tudo é verdadeiro ou nada é verdadeiro. Para sair dessa mútua anulação, é preciso ir ao *Sofista* para descobrir que não há duas alternativas e, sim, três, graças à elaboração dos “grandes gêneros”. Nesse diálogo, pensar e dizer o ser reclama um não-ser: o ser se pensa e se diz “unicamente numa relação com outra ideia, que é precisamente a ideia do Outro”.³⁸ Ao Outro se liga o Mesmo, que são determinações superiores, obtidas da dialética do Ser com o Movimento e o Repouso. Consequentemente, resulta que o Ser domina a oposição entre Movimento-Repouso, como uma espécie de terceiro termo, mas isso só é possível por conta de dois outros gêneros maiores: Mesmo e Outro.

Na leitura de Ricoeur, tanto no *Parmênides*, quanto no *Sofista* a unidade interna é “a questão da participação, considerada em sua dupla dimensão: participação dos sensíveis nas ideias, participação das ideias entre elas”.³⁹ É dessa situação que se retira a expressão ontologia de segundo grau, quando não mais se pergunta “o que é isto?” e sim “o que é o ser?”. Nesta esfera, “a participação não diz respeito à unidade de significação”, mas “à relação na qual se baseia a atribuição verdadeira ou falsa”.⁴⁰ E para atribuir é preciso admitir o ser e o seu outro, “o ser e o não-ser”. Dito de outro modo, a atribuição supõe a afirmação de que o ser é, tanto quanto o outro é. Este duplo modo de ser é possibilidade de participação, isto é, relação, que é parte da estrutura ontológica de segundo grau. O duplo modo de

³⁵ RICOEUR, L'attestation: entre phénoménologie et ontologie, p. 397.

³⁶ Cf. RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, p. 79 e 82.

³⁷ Cf. RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, p. 90.

³⁸ RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, p. 99.

³⁹ RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, p. 94.

⁴⁰ RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, p. 94.

ser permite dizer que o ser “deve ser sempre definido pelo ‘relativamente a si’ e pelo ‘relativamente a outra coisa’”.⁴¹ Todavia, o interessante disso é que o Outro passa a ter um privilégio sobre o Ser, pois ele é “a categoria que reflete sobre a própria relação de todas as categorias. [...] é a categoria que, ao refletir sobre a relação mútua das categorias, reitera a si mesma sem remeter a nenhuma outra”.⁴² Quando se diz que o movimento é outro que não o repouso, é outro que não o ser, sinaliza essa condição especial do Outro, cuja dignidade Platão fez questão de ressaltar. Em reflexão conclusiva, Ricoeur diz que o Ser só é a mais alta noção da filosofia em relação à mudança e à permanência, pois na condição de terceiro termo ele o é porque há um quinto, que é o Outro. Com isso, conclui nosso autor, que a ontologia precisa ir além do contraste movimento-repouso “e deixar-se criticar e limitar pelo par Mesmo-Outro”.⁴³

Esta afirmação de Ricoeur que citamos é sinal de que sua filosofia se deixa guiar pela dialética Mesmo-Outro. Podemos dizer, então, que dessa leitura de Platão Ricoeur recolheu o não percebido suficientemente pela tradição, que prevaleceu em torno do Ser e a oposição entre Movimento e Repouso. Destacamos ainda o lugar privilegiado do Outro entre os gêneros e em relação ao ser, como visto acima. Um privilégio que é notadamente percebido também na abordagem ricoeuriana, especialmente quando se trata da identidade. O outro, no tema da identidade desenvolvido por Ricoeur, é condição de renovação, é o elemento sem o qual não haveria novidade na abordagem, pois ficaríamos no império do *mesmo*, tendendo ao substancialismo enclausurante ou ao essencialismo totalizante. Em meio a isso, que não se esqueça da condição relacional, implícita no Ser, no Outro, bem como nas demais categorias platônicas. A relação é participação, é fundamento de existência. Podemos dizer de um ser-relacional, um outro-relacional, um mesmo-relacional e assim por diante. Esta marca relacional possível de se constatar ou projetar no platonismo é viva e presente no pensamento ricoeuriano.

2. Metacategorias identidade e relação no pensamento de Paul Ricoeur

O pensamento de Paul Ricoeur pode ser tomado a partir das noções de *identidade* e *relação*. O tema da identidade é notadamente ligado ao da pessoalidade, permitindo desenvolver uma ontologia do pessoal na qual a referência seja o *si* e, por isso, também se pode falar de ontologia do *si*. O tema da relação é intrínseco a esse conjunto, pois a identidade é

⁴¹ RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, p. 101.

⁴² RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, p. 101.

⁴³ RICOEUR, *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, p. 102.

fundamentalmente relacional (ser-relacional), em seu interior, como mostra a dialética *idem-ipse*, e no exterior com a dialética *ipseidade*-alteridade, acrescentando ainda a *socialidade*. As relações *idem-ipse*, *ipseidade*-alteridade/*socialidade* estão vinculadas à dialética dos “grandes gêneros” *mesmo* e *outro* que Ricoeur começou a explorar no curso oferecido em Estrasburgo, caracterizado com a pergunta pelo ser.⁴⁴ Mas é necessário declarar que o *outro diverso* do *si* não é um equivalente do *outro* platônico e a *ipseidade* não é repetição do *mesmo* platônico.⁴⁵ A aposta de Ricoeur é que a dialética *mesmo-outro* diz respeito a uma recusa a qualquer tipo de monopólio de um sobre o outro, especialmente o império do *mesmo* sobre o *outro*. A recorrência à dialética *mesmo-outro* é uma busca ontológica contrária à totalização e aberta a toda a riqueza do mundo da vida, que manifesta dissimetria e incomensurabilidade entre *mesmo* e *outro*, entre *ipseidade* e alteridade, entre *ipseidade* e *socialidade*. Esta aposta e recorrência de Paul Ricoeur é visível na *função meta* do pensar que se abre ainda à interrogação *alética* (veritativa) do *si*, que será brevemente apresentada aqui, dada sua importância aos temas *identidade* e *relação*.

A *função meta* do pensar é o modo como Ricoeur caracteriza seu pensamento sobre o ser ou da elevação do discurso ao nível metafísico.⁴⁶ Inspirado no prefixo *meta* de metafísica, a estratégia é tomar, em um horizonte comum, diferentes princípios, permitindo assim abordagens renovadas. No caso da questão da identidade, por exemplo, a *função meta* permite desvincular esse tema das noções de essência e substância e tomá-la a partir da relação (*mesmo* e *outro* — alteridade, socialidade) e da ação (*ato* e *potência*).⁴⁷ A partir

⁴⁴ No que diz respeito à questão sobre o ser, sem dúvida esse Curso de Estrasburgo está entre os primeiros escritos ricoeurianos. O que não significa dizer que vamos encontrar obras temáticas sobre esse assunto ao longo de sua produção. Para dizer com Johann Michel, em *L'ontologie fragmentée*, a reflexão ricoeuriana sobre o ser está dispersa em suas diversas obras (cf. MICHEL, J. *L'ontologie fragmentée*, in *Laval théologique et philosophique*, vol. 6, nº 3, 2009, p. 479-487).

⁴⁵ Cf. RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, p. 346-347. Além das referências do próprio Ricoeur, reforçamos com o comentário de Miguel Baptista Pereira: “Apesar do parentesco com o discurso platônico sobre o mesmo e o outro [...], nem a ipseidade nem a alteridade de P. Ricoeur se deixam simplesmente reformular na linguagem cristalizada de uma ontologia da repetição mas apenas naquelas filosofias do passado abertas à reinterpretação, à reapropriação em virtude do potencial de sentido reprimido pelo processo de sistematização e de escolarização dos grandes corpos doutrinários”. (PEREIRA, Miguel Baptista. *Narração e Transcendência*, in *Humanitas*, Vol. XLV. Universidade de Coimbra, 1993, p. 463).

⁴⁶ Cf. LACOUR, Philippe. *Signification et réflexivité dans la philosophie de Ricoeur*, in *Études Ricœuriennes/ Ricoeur Studies*, Vol 11, No 1, 2020, p. 88. Utilizamos a expressão “nível metafísico” em concordância com o Professor Lacour que, no artigo supracitado, apresenta os cinco diferentes níveis de discurso da filosofia de Ricoeur, a saber: a análise descritiva, a composição transfrástica, a autocompreensão interpretativa, a antropologia das capacidades fundamentais e, por fim, o metafísico. Por não ser objeto de estudo no momento, não vamos alargar a discussão em torno da expressão *função meta do pensar*. No entanto, é possível conceber que a abordagem acima já acontece ao modo *meta*.

⁴⁷ Cf. RICOEUR, *Múltipla estranheza*, p. 296.

do par *ato* e *potência* é possível, em alguns momentos, dar ênfase a um dos elementos, como o *ato* (ato de falar...) ou como *potência* (poder agir...), permitindo, inclusive, vincular a outras noções filosóficas.⁴⁸ Partindo do par *mesmo* e *outro*, por sua vez, o acento recai sobretudo na *metacategoria outro*, que gera distinção no interior do *mesmo* (*idem* e *ipse*) e o circunda com as figuras de alteridade, promovendo a dialética *ipseidade-alteridade*, acrescentada da *socialidade*. É em movimentos de dispersão e reunião que a função *meta* estrutura um pensamento sobre o ser, ao qual chamaremos de *si*. Este *si* tem na ação um modo fundamental de ser e na relação uma forma peculiar de existir. É um *si-mesmo* presidido pela ação e análogo à relação, explorado pela função *meta* do pensar, que se abre ainda à inter-rogação *alética* (veritativa) do *si*.

Dado que o *si* é uma figura do *cogito* e que, ao mesmo tempo, ele se apresenta com alternativa entre sua exaltação e a humilhação, o *si* precisa ter certeza de sua existência. Essa certeza, para Ricoeur, advém da *atestação* que, em relação à certeza do *cogito*, é crédito sem garantia e, em relação à sua humilhação, é confiança mais forte que a suspeita.⁴⁹ A *atestação* é uma categoria que afirma a identidade e a individualidade do sujeito (do *si*), bem como reconhece suas próprias capacidades. Pela *atestação* se chega ao reconhecimento e à afirmação do *si*, de sua singularidade, por meio de objetivações, das obras, dos signos e das ações. Deste modo, a *atestação* é afirmação do *si*, é sua garantia de existência, é a constatação de uma realidade que é o próprio o *si*.⁵⁰ A *atestação* é o caráter alético (ou veritativo) do *si* que sustenta sua identidade e o revela como ser relacional, alargando o campo exploratório da ontologia. Ademais, mais que subjetiva, a *atestação* é intersubjetiva, é, no fim das contas, “a garantia – o crédito e a confiança – de *existir* no modo da *ipseidade*”.⁵¹ Em outros termos, a *atestação* é a consciência de existir com e para outro(s), existir ao modo relacional.

Para todos os efeitos, a existência ao modo de *ipseidade* reivindica uma identidade com duas significações (*idem* e *ipse*). Nessa existência acontece uma dialética interna e, acrescentando as noções de *alteridade* e *socialidade*, aparece uma dialética externa. Com efeito, esses conceitos nos remetem a um aspecto relacional no interior deles, uma espécie de redundância proposital que enfatiza a *metacategoria* relação. Por isso o nosso propósito em abordar o tema da identidade pondo em evidência o tema da relação, bem como a insistência no fato de que esses temas podem ser tomados enquanto *metacategorias*, favorecendo assim um discurso sobre o ser.

⁴⁸ Lembremos do *conatus* de Spinoza, o *appetitus* de Leibniz, a *vontade de poder* de Nietzsche, a *libido* de Freud, o *desejo de ser* e o *esforço de existir* de Nabert, entre outros (Cf. RICOEUR, L'attestation: entre phénoménologie et ontologie., p 398).

⁴⁹ Cf. RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, p. 33-35 e 349.

⁵⁰ Cf. RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, p. 35; p. XXXVIII.

⁵¹ RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, p. 351.

Considerações finais

Do que expusemos, destacamos alguns aspectos, a começar pelo tema da *identidade*. A identidade é um tema em voga na modernidade, normalmente mais ligado à questão da personalidade (do sujeito, da psicologia). Mas esse tema faz parte do quadro metafísico, sendo muitas vezes projetado nas categorias aristotélicas, a partir do nome idêntico. Lá se diz do idêntico por acidente (quando dois atributos acidentais se referem à mesma coisa) e por unidade de substância (quando as coisas são idênticas por si mesmas). Em seguida, se define identidade como “unidade do ser ou de uma multiplicidade de coisas, ou de uma só, mas considerada como multiplicidade”.⁵² Este conceito de identidade é clássico e, talvez, por conta dele e seu alcance, muitos definiram identidade de tal modo que se possa dizer de uma coincidência de *si* consigo mesmo. Parece ser essa coincidência identificada com a *mesmidade*, assumida por Ricoeur, mas com ressalvas, por conta do substancialismo enclausurante ou essencialismo totalizante. Essas ressalvas podem ser ancoradas na recorrência ao modelo platônico, onde o idêntico não anula o diferente, em *si* e para além de *si*, visto que, no pensamento ricoeuriano, a identidade do *si* é *mesmidade* e *ipseidade*. É essa uma forma de abertura para a pluralidade do mundo da vida, além de ser um modo de ultrapassar todo tipo de monopólio do *mesmo* sobre o *outro*, assegurando que o *si* é *relação* de *si* consigo mesmo e com *outrem diversos de si*. Vale dizer que o *si* de Ricoeur é diferente de outros *sis*, como o hegeliano, heideggeriano e foucaultiano. Aqui, é um *si* pessoal-relacional, um *si* que caracteriza uma filosofia e nos faz repensar o tema da identidade.

A propósito do tema da identidade enquanto assunto da filosofia do sujeito, em Ricoeur seria mais apropriado falar de uma *hermenêutica da subjetividade*, uma tradução possível para *herméneutique du soi*. Mas também podemos falar de outra expressão, querida por Ricoeur, que é *hermenêutica da pessoa*. Por isso, há no pensamento de Ricoeur uma teoria da pessoa, uma teoria que renuncia ao *ego* em prol do *si* (escolhe o *si reflexivo* ao invés do *ego* intuitivo). Pois bem: sendo o *si* reflexivo, de identidade relacional e prática, inscrita na temporalidade, que responde narrativamente à pergunta *quem*, ao nos perguntar *quem é o si* podemos dizer que é a *pessoa*. Dizemos apoiados no próprio Ricoeur, que afirmou justamente que a pergunta *quem* se identifica com a problemática da *pessoa*.⁵³ Com isso, o tema da personalidade pode ser retomado com nova roupagem, inclusive com uma fundamentação metafísica diferente daquela moderna, em movimento de ultrapassagem. Essa nova roupagem pode ser, por exemplo, a filosofia

⁵² ARISTÓTELES, *Metafísica.*, V, 15, 1018,7.

⁵³ Cf. RICOEUR, Paul. *Lectures II. La contrée des philosophes*. Paris: Seuil, 1992. Tradução em português: *Leituras 2. A região dos filósofos*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 174.

prática, pois Ricoeur define pessoa como “núcleo de atitude”.⁵⁴ Uma definição que se desvia tanto do idealismo (abstrato), quanto do niilismo (diluidor) da pessoalidade. Outra forma de Ricoeur definir pessoa é a partir da noção *atitude-pessoa*, que muito nos lembra o contexto existencial que exige posicionamento (Eis-me aqui! Tu não morrerás!), reconhecimento de capacidades e chamada de responsabilidade para *si*, numa certa alusão à vulnerabilidade. É por isso que, para Ricoeur, a pessoa é “o melhor candidato para sustentar os combates jurídicos, políticos, econômicos e sociais” de nossos tempos.⁵⁵ O melhor candidato, nesse caso, em relação às heranças culturais modernas que elegeram a consciência, o sujeito, o eu. O melhor candidato, tomado na perspectiva da reflexividade, da fenomenologia, da linguagem, da hermenêutica, sem negar sua condição ontológica. Mas, qual ontologia? A ontologia do *si*, que é polissêmica, relacional e da atualidade. Sendo assim, a pessoa existe segundo o modo do ser-*si*, isto é, ao modo de *ipseidade*, *alteridade* e *socialidade*.

Por sua vez, o tema da *relação* é, sem dúvida, um dos mais utilizados na atualidade, nos mais variados contextos e perspectivas. Mas poucas vezes, na forma usual, nos damos conta de seu significado e alcance. O sentido etimológico dessa palavra nos remete ao verbo latino *fero*, cujo particípio passado é *latum* (*fero, tuli, latum, ferre*). A partícula *re*, em latim, tem o sentido de movimento, de volta, de retorno, de repetição. *Re-latus* indica o relato, fazer uma relação, narrar alguma coisa. *Relatus*, como adjetivo, indica o tornado a trazer, o referido, o proposto. *Relatio* é a relação, o que se relata, a narrativa. Relação é o pôr-se ou estar de uma coisa levada a outra, ou que está em face de outra. Essa recordação da raiz etimológica do termo relação está em perfeita consonância com a filosofia do *si* de Paul Ricoeur. Do *si* que é proposto, referido, trazido à reflexão. Do *si* sobre o qual relatamos, a respeito do qual narrarmos e desvelamos sua identidade que, por ser narrativa é, conseqüentemente, relacional. Por isso, sustentamos que o *si*, na perspectiva ricoeuriana, pode ser tomando a partir dessa categoria de relação (relação: ser-para-outro). Categoria que, para nós, além de epistemológica e axiológica, é metafísica, ou melhor, ontológica.

⁵⁴ Essa expressão “núcleo de atitude” é tomada por empréstimo de Eric Weil, no contexto das discussões sobre o personalismo de Emanuel Mounier (1905-1950). Ricoeur teve contato com o personalismo de Mounier em sua juventude. Mas, como assegura o principal biógrafo de Ricoeur, ele não é discípulo de Mounier, pois seu estilo não lhe satisfaz no plano do rigor filosófico (cf. DOSSE, François. *Paul Ricoeur: les sens d'une vie (1913-2005)*. Paris: La découverte, 2008. Tradução em português: *Paul Ricoeur: o sentido de uma vida (1913-2005)*. São Paulo: LiberArs, 2017, p. 42).

⁵⁵ Cf. RICOEUR, Paul. *Lectures II. La contrée des philosophes*. Paris: Seuil, 1992. Tradução em português: *Leituras 2. A região dos filósofos*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 158. O tema da pessoa, na obra de Ricoeur, está ainda por ser explorado e considerado, tal como se fez na coletânea organizada por Carneiro, Oliveira e Tielliet, em *Filosofia da Pessoa no pensamento de Paul Ricoeur*. Teresina: Edufpi 2023.

Lembremos ainda que o nome *relação* aparece na clássica tábua das categorias aristotélicas. Na explicação se diz de três tipos de relação (ou relativo): das relações numéricas, determinadas ou indeterminadas; da relação segundo a potência ativa e a potência passiva; das relações em que o distinto está em relação com algo.⁵⁶ Notemos como essas três formas de relação podem muito bem ser percebidas no modo de ser do *si*. No primeiro caso, quando tomamos o *si* enquanto número ou unidade, isto é, uma realidade identificada e individualizada, um ser total, em relação consigo, com o diverso de *si* e com outrem. O segundo modo de relação é ainda mais interessante, especialmente se vincularmos às noções de capacidade e vulnerabilidade – atividade e passividade, agente e sofrente – constituindo assim sua atualidade (ser/ato). A terceira forma de relação também tem sua importância e ressonância no *si*, quando pensamos que o tema da alteridade, por exemplo, está em vista de afirmar a singularidade, quando constatamos uma certa autonomia do *si* ou ainda quando nos damos conta de que a identidade do *si* é um acontecimento que provoca mudanças no mundo, pois ele está envolto na socialidade. Muitas outras associações ainda poderiam ser feitas, inclusive também do ponto de vista platônico, como mostramos acima, mas, por ora, são suficientes essas associações que confirmam que o termo *relação* diz respeito a um modo de existir e de ser do *si*, um ser-relacional.

Referências

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.
- CORREIA, Mário. *Sujeito e Tempo em Paul Ricoeur. Fenomenologia, Poética e Hermenêutica a subjetividade*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020.
- CARNEIRO, J. V. OLIVEIRA, R. C. TIELLET, C. A (org.) *Filosofia da Pessoa no pensamento de Paul Ricoeur*. Teresina: Edufpi, 2023.
- DOSSE, François. *Paul Ricoeur: les sens d'une vie (1913-2005)*. Paris: La découverte, 2008. Tradução em português: *Paul Ricoeur: o sentido de uma vida (1913-2005)*. São Paulo: LiberArs, 2017.
- GREISCH, J. KEARNEY, R. *Paul Ricœur, les métamorphoses de la raison herméneutique: actes du colloque de Cerisy-la-Salle, 1-11 août 1988*. Paris: Cerf, 1991.
- GUERRA, Lucía Herrerías. *Espero estar em la verdad. La búsqueda ontológica de Paul Ricoeur*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 15ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

⁵⁶ Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, V, 15, 1020,25-1021,5.

- LACOUR, Philipper. Signification et réflexivité dans la philosophie de Ricoeur, in *Études Ricœuriennes/ Ricœur Studies*, Vol 11, N. 1, 2020.
- MICHEL, J. *L'ontologie fragmentée*, in *Laval théologique et philosophique*, vol. 6, nº 3, 2009.
- PEREIRA, Miguel Baptista. A hermenêutica da condição humana de Paul Ricoeur, in *Revista Filosófica de Coimbra*, nº 24, 2003.
- PEREIRA, Miguel Baptista. *Narração e Transcendência*, in: *Humanitas*, Vol. XLV. Universidade de Coimbra, 1993.
- PLATÃO. *Parmênides*. In: *Diálogos*. Vol. III. Trad. Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, 1974.
- PLATÃO. *Sofista*. In: *Diálogos*. Vol. X. Trad. Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, 1980.
- RICOEUR, Paul. *De la Métaphysique à la Morale*. Paris: Esprit, 1995. Tradução em português: *Da metafísica à moral*. Trad. Sílvia Menezes. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- RICOEUR, Paul. *Écrits et conférences III: anthropologie philosophique*. Paris: Seuil, 2013. Tradução em português: *Escritos e Conferências, 3: antropologia filosófica*. São Paulo: Loyola, 2016.
- RICOEUR, Paul. *Être, essence et substance chez Platon et Aristote*. Paris: Seuil, 2011. Trad. em português: *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- RICOEUR, Paul. *Intersubjectivité, socialité, religion*. Entretien avec P. Ricœur [propos recueillis par A. Danese]. In: *Notes et documents Institut International « J. Maritain » (Torrette di Ancona) 14*, 75-83, 1986.
- RICOEUR, Paul. *Ipséité / Altérité / Socialité*. Colóquio no Collège de France, em 1985.
- RICOEUR, Paul. *L'attestation: entre phénoménologie et ontologie*. In GREISCH, J. KEARNEY, R. *Paul Ricœur, les métamorphoses de la raison herméneutique: actes du colloque de Cerisy-la-Salle, 1-11 août 1988*. Paris: Cerf, 1991.
- RICOEUR, Paul. *Lectures II. La contrée des philosophes*. Paris: Seuil, 1992. Tradução em português: *Leituras 2. A região dos filósofos*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- RICOEUR, Paul. *Ontologie*. In: *Encyclopédie Universalis*. Paris: Larousse, 1972.
- RICOEUR, Paul. *Renouveau de l'ontologie*. In: *Encyclopédie Française. XIX. Philosophie et religion*. Paris: Larousse, 1957.
- RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Éditions du Seuil, 1990. Tradução em português: *O si-mesmo como um outro*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- SPINOZA, B. de. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 261
- VALLÉE, Marc-Antoine. *Quelle sorte d'être est le soi? Les implications ontologiques d'une herméneutique du soi*, in *Études Ricœuriennes / Ricœur Studies*, Vol 1, N. 1, 2010.